

JOSÉ BONIFÁCIO E LORD JIM: OS CAMINHANTES SOLITÁRIOS

JOSÉ BONIFÁCIO AND LORD JIM: LONE HIKERS

Matheus Marques Nunes (UNIP)¹

Resumo: O artigo analisa o conto intitulado “O sedutor”, do filósofo e escritor Raul Fiker. Destacamos a forte imagem do caminhar errante com a nossa própria precariedade existencial. Para estabelecer a importância deste percurso existencial estabelecemos uma aproximação do conto “O sedutor” com o romance *Lord Jim*, de Joseph Conrad.

Palavras-chave: Raul Fiker, O sedutor, caminhar, Lord Jim.

Abstract: The article analyzes the tale entitled “The Seducer”, by philosopher and writer Raul Fiker. We highlight the strong image of the wandering walking with our own existential insecurity. To establish the importance of this existential path we established an approximation of the tale “The seductive” with the novel *Lord Jim*, by Joseph Conrad.

Keywords: Raul Fiker, the seducer, walk, Lord Jim.

Em outras ocasiões, principalmente em virtude dos trabalhos relacionados ao pós-doutorado, refletimos sobre a obra do poeta e filósofo Raul Fiker. Destacamos sua instigante abordagem a respeito do tempo, do mito, das imagens surrealistas, do espaço e do poder. Percebemos, ao analisarmos a obra **O Equivocrata**, a relação da sua estética com tal temática. Notamos as analogias, provocações e a ironia usada com exímia habilidade pelo autor. Procuramos contribuir para que se estabelecesse uma necessária e proveitosa crítica a respeito de uma obra que ainda não foi devidamente analisada.

Não havíamos, no entanto, estudado o conto intitulado “O Sedutor”, publicado na **Psi Revista** do departamento de Psicologia da USP no seu número 1, segundo ano, de 1968, e que deveria constituir a parte final do livro de Raul Fiker **O Equivocrata**.

Este conto, que por um acaso ficou fora da edição, nos remete, justamente, para tais problemas e também para as seguintes questões: o fazer poético, a construção de novos significados, a luta contra o embotamento do olhar, pela familiaridade da rotina nos grandes centros urbanos, a agonia diante da fragmentação e a responsabilidade do leitor diante de uma obra aberta para novas construções que rompem com as formulações convencionais.

Lemos que uma simples empreitada, a inocente tentativa, pelo menos aparentemente, de atravessar uma rua, tornou-se um grande desafio para o incauto transeunte. O transeunte angustiado por dúvidas em seu caminhar se chama José

¹ Doutor em Sociologia pela UNESP de Araraquara, professor de sociologia no instituto de ciências jurídicas e no instituto de ciências humanas da Universidade Paulista, 14024-270, Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil, matheusmarquesnunes@gmail.com.

Bonifácio de Andrada e Silva. Um nome histórico e tão imponente para a personagem crivada de dúvidas torturantes.

Ele tem muita dificuldade para fazer a travessia, angustiado por suas inúmeras dúvidas e temeroso ao pensar nos olhares que talvez observem sua singela ação que poderia terminar num terrível fiasco e ao mesmo tempo exigindo aqueles mesmos olhares dos outros que se constituíam como um importante hábito para tornar suportável sua dor e sua caminhada. Enfim, um grande medo do inesperado, dos outros, de expectativas criadas incessantemente e, sobretudo, de si mesmo.

Percebemos que J. B. de Andrada e Silva precisa da decisão e da força que as certezas presumidamente nos conferem para desempenharmos nossos mais prosaicos papéis sociais. Tanto é assim que ele somente consegue alcançar a outra calçada quando se entrega a outros devaneios que o ajudam a criar novas certezas, mesmo que certezas provisórias, descartáveis e frágeis.

Interessante estabelecer o contraste entre as incertezas e devaneios de J. B. de Andrada e Silva com as pessoas que andam com seus passos firmes e rápidos, impetuosamente na direção traçada sem se deterem por nada; varrem do seu caminho qualquer indecisão.

Quem não caminha decidido é aquele que pensa demasiadamente em sua existência e nos dilemas que vivencia ou poderá vivenciar. Angústia que perpassa todas as suas reflexões. Temor de não ser lembrado? Medo, na verdade, de ser notado de maneira equivocada por outros. Esquivar-se dos olhares perscrutadores não parece possível. O julgamento antecede seus passos, paralisando suas ações que dependem deste julgamento.

Ele se perde no seu labirinto de imagens, devaneios infundáveis que o colocam na precária situação típica daqueles que não seguem, mesmo que por um breve período, o fluxo previsto pelo sistema. Seres preocupados com outras questões que não são os problemas usuais, como J. B. que se preocupa com a cor de suas meias, com a opinião dos demais, com seus olhares, é aquele que acalenta o medo, o extremo pavor de não ter para onde ir ou aquele que deve ir a todos os lugares e chegar lá naquele instante em que está definitivamente perdido entre a multidão.

Por isso, J. B. repentinamente está imóvel no meio da rua. Ele foi agarrado por uma lembrança e retorna ao seu ponto de partida. Alguém haveria notado? O fato já teria caído no esquecimento?

Novas dúvidas, pois, para ele o significado de cada passo é crucial. A busca constante por algum significado, algum sentido para nos acalantar, a percepção da solidão nos espreitando e, finalmente, a sensação alojada na memória, no estômago e no peito da nossa insignificância.

Mas ele também rapidamente parece adquirir uma dose de segurança, uma desenvoltura típica daqueles que não se sentem mais ameaçados, nem mesmo preocupados com tais ninharias; agora, lança um olhar onipotente e de desprezo para os paralelepípedos que calçam a rua.

J. B. de Andrada e Silva realiza uma recomposição intrigante de sua fisionomia em diferentes momentos. Ele colocou durante os relativamente poucos passos, inseguros e recalcitrantes, dados para chegar ao outro lado, muitas máscaras que lhe darão, pensamos que falsamente, a medida de segurança que tanto almejava.

Entretanto, tal couraça mostrou-se ineficaz, exatamente como as suas meias, negras, não brancas e seu sapato marrom, seu terno azul-marinho, sua cueca limpa, que simbolizariam sua dignidade para o público, diante de um par de olhos que irrompe sobre pernas que se revezam apressadamente.

Como os atores romanos e a criação das suas personas, J. B. caminha entre a irrealdade do seu cotidiano, no devaneio de não atravessar a rua e a realidade de suas próprias criações. Por isso, tal tensão e também a sua dispersão em um caminho que se torna sinuoso, necessita, assim, enfrentar o desconhecido, enfrentar suas vicissitudes e criar o que ainda não existe:

A expressão do indivíduo humano desaparece, mas em seu lugar o portador da máscara adquire a dignidade e a beleza (e também a expressão aterradora) de um demônio animal. Em termos psicológicos, a máscara transforma o seu portador em uma imagem arquetípica (JAFFÉ, 2000, p. 236).

O Sedutor consegue nos revelar, portanto, nossa precariedade diante da vida, ao olharmos para o outro, ao vermos nossa situação refletida no olhar do outro, daí nossas tentativas de nos equilibrarmos pelos calcanhares na beira de uma calçada, como J. B., ou diante de abismos maiores e mais nefastos. Mesmo ao enfrentar tais perigos racionalizamos nossas ações e o mundo, precisamos caminhar enfrentando tais olhares e encontrar razões que justifiquem a caminhada.

Necessitamos, enfim, dessa aparente segurança para nossa atuação como atores sociais e usamos os signos e significados para compreender e alterar o texto que

recebemos, tentamos a domesticação do discurso pelo nosso pensamento com insistência, como o fez J.B. ao fingir que procurava o número de uma casa, que na verdade estava na sua frente, quando então coça a cabeça, com aparente preocupação, parece realmente embebecido, preso num objetivo importante em meio ao passeio público, e compõe, conforme afirmamos anteriormente, a sua máscara de dignidade, o tipo de pessoa que está lá por determinados e, preferencialmente, bons motivos.

A arte moderna no seu projeto crítico de negação dos valores e ruptura com a tradição clássica também utilizou algumas máscaras. A máscara de estéticas não ocidentais, consideradas primitivas ou de civilizações desaparecidas, foi ostentada, por exemplo, com êxito por muitos poetas e vanguardas.

Outra é a intenção de J. B e a ironia da situação criada por Raul Fiker. Ele deseja a segurança de ser alguém e agir dentro do quadro esperado e plausível, ou seja, a normalidade tranquilizadora. Por isso, J. B. de Andrada e Silva agarra-se, como último recurso para sua salvação, a uma atuação, a um determinado papel por ele inventado: o sujeito que tem sempre outras preocupações prementes, mas que sejam semelhantes às preocupações demonstradas por outras pessoas que também andam seguras nas suas rotas estabelecidas previamente.

Ao cruzar com outro olhar, a segurança conferida por ser alguém que procura um endereço lhe confere uma confortável sensação que lhe é tão necessária. Compreendemos, ao destacar tais divagações, por que a maioria das pessoas não precisa temer o carteiro que cruza os seus caminhos, enquanto J.B. sente calafrios ao passar por ele. Mesmo quando o carteiro se distancia, quando não é mais possível escutar seus passos, continua a tensão, talvez o olhar de alguém chegando por trás, sem ser percebido, ou de algum morador por trás das persianas continue como um periscópio vasculhando o seu ser.

Trata-se de um conflito de sentimentos, uma luta com palavras que consigam exprimir um sentimento de mundo, o choque de visões de mundo que se mostram cada vez mais fragmentadas nas sociedades modernas. Época marcada, indubitavelmente, por uma série de particularismos raciais, religiosos e linguísticos e, conseqüentemente, pelo empobrecimento do nosso ser reduzido a condutas que ficam sob a égide de um controle político e econômico cada vez mais pragmático.

Sempre o encontro com o outro, mediado por uma linguagem que não é suficiente para expressar o nosso eu, suas contradições, desejos e todos os nossos

temores. A incompreensão e um conflito latente sufocando nossos caminhos silenciosos por entre a multidão.

Aquela exaltação do encontro com uma massa que nos ignora e que nos torna ainda mais solitários. Afinal, no ápice do individualismo burguês, daquela incomensurável vontade de poder, daquela atitude que ignora a solidariedade e só espera a subordinação, o resultado muitas vezes é a desilusão provocada pelo empenho por uma missão que não nos leva a nenhum objetivo realmente importante. Toda a vaidade e desumanização deram o tom para muitas travessias feitas na proximidade de sinistros abismos.

A travessia daquela rua, o caminhar pelo passeio, o divagar por aquelas calçadas, é também o instante do seu desespero, o momento de tentar apreender as muitas situações que se revelam tão precárias, de desejar e perceber que não é possível controlar as mais sutis mudanças, o desespero diante da chegada do inesperado ou a angústia da expectativa não realizada, tudo deixava aturdido o transeunte J. B. de Andrade e Silva.

J. B. também perde a direção frente à realidade que o aplaca de maneira aterradora, mas prossegue celeremente, pretende atravessar a rua a dois quarteirões de distância. É um homem dilacerado, como o homem do subsolo, perseguido pela aguda consciência das profundezas do seu ser e de incertezas diante da realidade. O cenário agora se altera, com becos nem ao menos calçados, o que favorece seu recolhimento ao conforto da solidão e reflexão. Ele se sente surpreendido e tal surpresa o coloca em crise.

Percebe-se uma situação limite em que sua individualidade estará em prova. J. B. vacila diante do conflito com o grupo dos pretensos observadores. O temor de não se enquadrar nos padrões afirmados pelo grupo. Mesmo que a angústia seja decorrente de não caminhar com a segurança esperada pelos outros.

Não conseguiu sair da armadilha e dissolve-se como parte daqueles becos imundos. Aceita perder-se na banalidade, no conformismo social, naquela ausência de crítica revelada pelo seu olhar ausente e distante.

Tudo é muito rápido, tal distração, o outro mundo sem calçadas, como muitas de nossas ações parece durar o instante de atravessar uma rua. Passado o momento crítico, J. B. adquire firmeza, convicto, ou acalentando tal ilusão, de que existe uma plateia que o observa, quer sua aprovação e ganha confiança a cada passo, recompõe-se como figura altaneira que caminha pelo meio da rua, alterna seus passos, ora despreocupados

ora marciais, chega até a chutar os objetos no meio da rua, espera, mãos nos bolsos, colarinho aberto, a aprovação geral, quer provocar murmúrios de admiração.

Já distante dos olhares e apesar de todas as suas precauções, não obstante sua minuciosa composição da personagem com objetivos claros, da máscara cuidadosamente preparada para impressionar o público, pode-se perceber ao final, que a trajetória de J. B. de Andrade e Silva, mesmo com suas intenções e planejamento, não forma uma linha reta.

Desse modo, gostaríamos de comparar tal caminhar com a própria linguagem e seus significados na obra de Raul Fiker, que também traça suas retas e caminha tortuosamente, conforme expressão encontrada na obra **O Equivocrata**, por entre muitas retas de vista. A sua obra é provocativa, nos coloca diante de contradições, do caráter muitas vezes irrisório deste mundo, da pluralidade e da própria linguagem.

Convoca os opostos que se destroem e criam, por outro lado, novas e surpreendentes realidades. Afinal, segundo Octavio Paz, escrevemos para ser o que somos, ou ainda, escrevemos para ser aquilo que ainda não somos. De um modo ou de outro, buscamos encontrar a nós mesmos. Tentamos compreender o nosso eu, compreender o desconhecido: “As palavras não são as coisas: são as pontes que estendemos entre elas e nós. O poeta é a consciência das palavras, isto é, a nostalgia da realidade real das coisas” (PAZ, 2012, p. 211).

O processo de criação poética conforme definiu Octavio Paz envolve a sua dependência da palavra, como uma necessidade e também a sua luta por transcendê-la: “O poema, ser de palavras, vai mais além das palavras e a história não esgota o sentido do poema, mas o poema não teria sentido – nem sequer existência – sem a história, sem a comunidade que o alimenta e à qual alimenta” (PAZ, 2012, p. 52). Como no conto “O Sedutor”, em que José Bonifácio luta para encontrar um sentido que lhe confira segurança, busca uma orientação para seus passos e mesmo sem isso prossegue sua travessia até o outro lado.

Ele deseja a liberdade de movimento e de pensamento, porém, fica à mercê daquele pacto social. Um contrato social internalizado por ele como regra para toda a sua conduta. E apesar de todo o esforço para se controlar, seu caminhar continua tortuoso.

Agora, se voltarmos a refletir a respeito do nosso J. B. de Andrade e Silva personagem do conto **O Sedutor**, encontraremos também indícios reveladores a respeito do papel que uma sociedade utilitarista espera do poeta. Nesse sentido, o poeta

maldito não é simplesmente uma criação do romantismo, mas, de acordo com Octávio Paz, resultado de uma sociedade que não o consegue assimilar, pois não o vê como alguém capaz de oferecer algo prático ou divertido o suficiente para justificar a abertura de seus cofres:

O poeta moderno não tem lugar na sociedade porque, efetivamente não é ninguém. Isto não é uma metáfora: a poesia não existe para a burguesia nem para as massas contemporâneas. O exercício da poesia pode ser uma distração ou uma enfermidade, nunca uma profissão: o poeta não trabalha nem produz. Por isso os poemas não valem nada: não são produtos suscetíveis de intercâmbio mercantil e se não é um valor não tem existência real dentro do nosso mundo (PAZ, 2012, p.85).

No capitalismo, como seu labor não vale nada, ele também não ganha nada; ainda de acordo com o pensador mexicano, o poeta transformou-se num desterrado, vagabundo, pária ou parasita. Alguém que está titubeando para se manter no meio do passeio público ou que procura alcançar o outro lado da rua. Por isso, tenta se justificar ao afirmar que procura certo endereço, confrontando-se, num cenário volátil que o desqualifica como profissional e não considera sua fala real, afinal, ela dificilmente se transforma em mercadoria.

A personagem J. B. de Raul Fiker revela ainda uma nota dominante: a solidão diante da sua travessia, a sensação do homem que se encontra só, na mais remota fronteira, ou como aquele que parece desesperado ao tentar romper um cerco que o coloca sempre em suspenso diante da vida e do tempo cronológico. Mostra-nos, naqueles instantes cruciais, o dilema daqueles que se veem impossibilitados de construir sua identidade, de restabelecer um diálogo verdadeiro com a realidade e com sua própria humanidade.

Tal empreitada nos lembra, até mesmo pela filiação de Fiker ao movimento Surrealista de São Paulo na década de 1960, a tentativa do Surrealismo em transformar o real em poesia, o protesto contra uma realidade alienante, a busca por algo vivo diante da banalização da linguagem. A intenção do autor em recuperar o poder da linguagem através do sonho, do delírio, do LSD, do mito, das analogias, do humor e da ironia na busca por transcender a degradação do homem.

Mais do que a criação de poemas, temos a tomada de posição, política e filosófica, diante de uma sociedade que domesticou e degradou o homem através de

formas de pensamento que buscam somente um ideal de vida prático, comercial e utilitarista. Afinal, neste mundo preenchido por mecanismos, não falamos com os outros “porque não podemos falar conosco mesmo” (PAZ, 2012, p.102). Nossas precárias ilusões se desfazem facilmente, não restando nada, só o vazio e o niilismo.

Perdemos o significado, a sensibilidade e também ficamos perplexos ao percorremos nossos caminhos. No mundo de prevalência da técnica a realidade, o espaço e o tempo alteram-se com rapidez e intensidade:

A aceleração do suceder histórico, sobretudo a partir da I Grande Guerra Mundial, e a universalidade da técnica, que fez da terra um espaço homogêneo, revelam-se por fim como uma espécie de frenética imobilidade em um lugar que é todos os lugares. Poesia: procura de um agora e de um agir (PAZ, 2012, p.106).

Imobilizado e indeciso, em meio ao seu caminho, J. B. de Andrada e Silva entregou-se ao devaneio, enfrentou um momento em que parece não existir nem passado e nem futuro. Dualidade também vivenciada pelo poeta, dilacerado, estilhaçado entre um tempo que parece interminável e a fugacidade que resiste em ser nomeada pela criação do artista.

Ele afinal parece ter chegado ao extremo ao atravessar aquela rua diante de possíveis ou imaginários espectadores. Talvez J. B. necessitasse, naquele instante crucial, de amparo e algum tipo de comunhão, mas enfrenta a vacuidade no momento que antecede a continuação de sua vacilante caminhada. Mostra-se, assim, tão solitário como a outra personagem do conto intitulado “Mundo” que conclui a obra **O Equivocrata**: São Simeão Estilita. Tanto o caminhante que oscila nas suas ações, como o severo asceta que se isola no elevador percorrem travessias tempestuosas e destrutivas na nossa conturbada época.

Ambos talvez coloquem em relevo uma característica que tanto preocupa os escritores: o individualismo extremado que alarga desmesuradamente o silêncio e a solidão ao nosso redor. Entretanto, a empreitada como leitores e críticos de tal obra se torna um elemento provocativo importante para criar aquele estado iluminado e propício ao questionamento das perspectivas normais.

Saindo deste embotamento, desta idolatria vertiginosa do eu, vivenciando tal experiência não caímos no absurdo, no caos, no sem sentido; podemos, pelo contrário, descobrir um novo sentido. Difícil de ser comunicado tal sentido, daí a luta com a

linguagem, a utilização destas situações paradoxais de atravessar a rua ou ficar preso num elevador. Por isso também a recorrência ao humor tão utilizado pelos surrealistas para transmitir algo que parece incomunicável tanto por J. B. como pelo anacoreta São Simeão.

Haverá alguma possibilidade de comunhão para eles após suas missões destruidoras? Afinal, J. B. de Andrada e Silva termina sozinho, afastando-se sempre; São Simão, por sua vez, deseja algo grandioso para contentar os olhares que espreitam, quer a sua coluna feita com os fragmentos do elevador que tomou e com os estilhaços dele.

Suas veleidades parecem destrutivas porque se realizam à custa dos outros e também porque seus projetos dependem do olhar dos outros. Não por acaso a epígrafe usado por Fiker no conto “O Sedutor”: “*El ojo que tu ves no es ojo porque lo veas es ojo porque te ve*” (Antonio Machado).

Olhos que também vigiam São Simão preso no elevador. A visão, o ser visto, é um fator primordial para a construção da sua coluna, da sua potência, da sua vacilação e da sua solidão. Ao término de sua missão a percepção da ilusão e da extrema vaidade do anacoreta observado pela multidão ou pelo caminhante que precisa do olhar que o espiona.

Ainda a respeito da concepção do olhar, do ser visto e do ideal de destruição na nossa sociedade, destacamos o trecho final do **Equivocrata** a respeito da tragédia de São Simeão Estilita:

E é necessário algo grandioso diante dos olhares que espreitam pelas frestas. Estes olhares são componentes fundamentais da tragédia do Estilita. Se eles, por um lado, são ameaça constante, por outro, mais importante talvez, são veículo da consagração de São Simeão Estilita. Desta forma, o santo dá início à sua obra: uma imensa colônia – isto os impressionará sobremaneira, e também ao santo – no topo da qual ele se instalará após a árdua construção. Árdua, porque os materiais usados na empreitada consistem em fragmentos do elevador e dele. São Simeão Estilita (FIKER, s/d).

Similarmente temos uma cena, no penúltimo conto que compõe **O Equivocrata**, intitulado “Hábito”, que também pode ser interpretada a partir da ideia do ver e do ser visto. Trata-se do encontro onírico do personagem/autor com um rato, encontro que ocorre nos jardins da biblioteca municipal de São Paulo e que se torna ponto para discussão para a psicanálise do autor e também para sua construção estética. Dessa

maneira, a partir de um dos seus sonhos, Fiker descreve a cena do inusitado encontro com o roedor e propõe uma importante discussão acerca da visibilidade e, sobretudo, a respeito do poder.

A sensação naquele olhar do roedor que polariza, parece silenciar tudo ao redor, quando tudo se cala não podemos ou conseguimos mais nomear as coisas ao nosso redor, quando tudo se torna inapreensível, mesmo que tão próximo ao acervo de uma biblioteca, no entanto, aquele olhar penetrante rechaça toda a possibilidade de compreender.

O corpo do rato se esvai, vai desaparecendo e o autor parece destacar ainda mais a ausência ao enfatizar aquele olhar. Sensação, além disso, de que já não existe rato para ser contemplado porque nós mesmos já nos fundimos ao roedor. O rato paralisado nos fascina e nos escapa no momento em que tentamos compreendê-lo, ao recriá-lo do nosso modo:

caracterizado pelos dois enormes olhos que sempre me olharam tanto quanto eu sempre os olhei, olhando e sendo olhados como olhos, trazendo portanto todos os significados possíveis em se tratando de um olhar, cujas probabilidades alcançam o infinito – daquele olhar, particularmente, considerando-se que à parte do focinho, ainda levemente notado, era tudo o que restava de um corpo e de um rosto do qual mesmo antes fora o ponto polarizador (FIKER, s/d).

O rato e o homem isolados, surpreendidos por tal situação. Talvez se esquadrinhasse na busca de uma experiência que o enriquecesse pessoalmente. Questão de sobrevivência diante da eminente catástrofe causada pela falta de significados. Oportunidade e ocasião para reagir e buscar outros significados, conforme citado anteriormente, o sair do nosso embotamento e ouvir a outra voz, mas, sem esquecer que em tais relações estão sempre presentes questões referentes ao exercício do poder e da força.

O escritor Elias Canetti (2011), ao diferenciar força e poder, utilizou uma comparação interessante para nossos propósitos a respeito do olhar entre o gato e o rato e que será também útil para refletirmos acerca da situação do rato nos jardins da Biblioteca Municipal e da tortuosa caminhada de J.B. de Andrada e Silva. Normalmente costuma-se associar a força a algo próximo e presente, ao aspecto mais profundo do poder. O poder, por sua vez, é mais amplo, cerimonioso e universal. Com o tempo a força transforma-se em poder.

Voltando a falar da comparação entre o caçador e a presa Canetti afirma que a presa é capturada pela força e por ela é levada à boca. O rato, desse modo, encontra-se inteiramente à mercê do gato. No entanto, o gato também poderá resolver brincar com o roedor e soltá-lo, deixá-lo correr, mas sob sua constante vigilância. Um novo elemento apresenta-se em tal circunstância, apesar de correr, o rato continua na esfera de poder do gato, continuará assim, correndo, esperançosamente e sem êxito numa eventual possibilidade de fuga, até o momento em que o felino resolver agir e ele está certo de poder alcançá-lo a qualquer momento:

O espaço sobre o qual o gato projeta sua sombra; os instantes de esperança que permite ao rato, mas tendo-o sob estrita vigilância, sem perder o interesse nele e em sua destruição – tudo isso junto (o espaço, a esperança, a vigilância e o interesse na destruição) poder-se-ia designar como o corpo propriamente dito do poder, ou, simplesmente, como o poder em si (CANETTI, 2011, p.281).

Temos, assim, uma ampliação do tempo e do espaço. Ainda segundo Canetti, a boca do gato dará origem à prisão, uma ampliação da boca, expressando a relação de poder e força. Sem esperança, encarcerado, como Raul Fiker, que também encarou a prisão como uma troca, um contrato onde “você entrega o seu espaço e recebe tempo em troca” (FIKER, s/d). O prisioneiro e o rato dispõem do tempo e da esperança de, nesse tempo, escapar.

Pode-se até dar alguns passos de um lado para outro na cela ou na boca do gato, receber um pouco de sua ração de sol, observar os guardas também presos aos seus uniformes, ao seu salário e às suas convenções, assim como o rato, encarcerado pelo olhar do gato. O olhar cravado nas costas como nos momentos angustiantes de J. B. e sua saga de atravessar aquela rua.

O interesse na sua aniquilação, a qualquer momento, pelo aparato que o mantém encarcerado, mesmo quando, aparentemente, foi esquecido pelos detentores do poder, fará parte da existência e dos sofrimentos do prisioneiro/rato. Preso a uma rotina e também angustiado pela constante expectativa: da fuga, do aniquilamento, do pulo do gato, do olhar penetrante, da reciprocidade no encarceramento dos guardas e dos prisioneiros.

Tais situações, sobretudo a possibilidade do inesperado, da surpresa diante de uma ocasião, parecem ser essenciais também para interpretarmos J. B. de Andrada e Silva.

Acontecimentos que parecem exagerados, que se tornam ínfimos, banais na sua impureza, mas que devemos enfrentá-los a cada momento. Por isso mesmo, aquela dualidade, aquela indecisão de J. B. que espera o momento ideal para a ação, não percebendo que tal ocasião nunca aparece da forma e no instante em que a aguardamos: “Quando surge a ocasião inesperada, ela não vem como uma conjuntura brilhante, não traz nenhuma das características que cercam os fatos, nas narrativas exemplares dos livros de belas ações ” (CANDIDO, 2012, p. 80).

Tentaremos, agora, estabelecer um paralelo entre J. B. e Lord Jim em relação a alguns temas em comum, e essenciais para ambos, como: a sensação de isolamento, a ideia do homem surpreendido, o tema da fuga, a caminhada entre estranhos e a questão da ocasião propícia para grandes realizações.

Interessante que Antonio Cândido interpreta a atitude de Lord Jim de Joseph Conrad (2003) como a de um homem surpreendido e que malogrou justamente pela supervalorização do Eu que o paralisou na expectativa de uma ocasião perfeita para se redimir do peso de acontecimentos passados. Achamos muito interessante tal análise e consideramos pertinente aproximar a ideia do homem surpreendido com as ações de J. B. para melhor explorar suas contradições.

Desse modo, exatamente como ocorre na obra de Conrad, encontramos também nas personagens criadas por Raul Fiker, principalmente em J. B. de Andrade e Silva do seu conto “O Sedutor” e em São Simão Estilita do livro **O Equivocrata**, indivíduos perseguidos ou que se imaginam assim, esperando a qualquer instante um golpe de sorte ou de azar que coloque tudo em risco, fugindo do acaso sem sucesso, opondo-se aos parâmetros impostos pela civilização ocidental, vivendo o dilema das imposições e injustiças perpetradas por outros e de sua obstinada recusa em obedecer tais ditames.

Por tudo isso, segundo a excelente análise de Antonio Cândido, homens como Lord Jim, também como J. B. de Andrada e Silva e São Simão Estilita, agem “sem motivo aparente por uma espécie de descarga brusca e inexplicável, um ato formalmente gratuito, de que decorre, porém, uma segunda etapa, pois é obrigado a se refazer, caso pretenda readquirir o equilíbrio anterior” (CANDIDO, 2012, p. 68).

Ambos estão isolados e buscam, na verdade, a solidão nas suas difíceis viagens. A abstenção da ação decisiva, entretanto, é corrosiva, e permanecem suspensos,

paralisados como o rato no jardim da biblioteca naquele instante que se eterniza, aumentam as dúvidas e incertezas do que poderia ser feito.

Incerteza não apenas quanto ao que deveria ser feito, mas também em relação ao próprio ser que não se conhece suficientemente, ser errante, na constante expectativa e que adquire tal consciência diante do dilema vivenciado naquele instante que se torna o episódio crucial para sua existência.

Trata-se da explosão daqueles limites construídos ao longo do processo de socialização que nos molda desde a infância até a nossa morte. Acima dos deveres impostos pela sociedade, determinando até mesmo os nossos passos, a direção que escolhermos ou como atravessamos uma rua, existiria o império de certo risco que devemos assumir diante da vida. Por isso mesmo, a incoerência e o risco de ficar desacreditado diante dos padrões vigentes.

J. B. de modo imprevisto procura, na sua caminhada tortuosa, escapar das convenções e preconceitos. No paradoxal caminhar ele se isola dos outros, mas ainda se preocupa com os seus olhares inquisitoriais. O vacilo dos seus passos nos mostra o desconhecimento de quem somos realmente diante do outro, conseqüentemente, nos revela também todo o automatismo que nos é inculcado através de inúmeros olhares que nos moldam precocemente.

Assim, como no Lord Jim enfrentamos o dilema do conformismo ao modo de viver medíocre ou a possibilidade de algum sacrifício heroico, J. B. de Andrada e Silva enfrenta tal dilema, angustiado por sentir-se amesquinhado, pior ainda, um intruso em um espaço que seria público. Mas, a tripulação não considera Jim também como um intrusão?

Jim é o único homem branco de bem no navio Patna e também o único branco enviado, já na parte final do romance, ao reino do Patusan. Evidentemente Conrad, em vários momentos do romance, trabalhou num viés típico das teses raciais do século XIX. O homem branco é sempre tratado como superior ao nativo e principalmente ao mestiço: “Ele estava protegido pelo seu isolamento: único representante de uma raça superior, achava-se em estreito contato com a natureza que se mostra tão facilmente fiel a seus amantes” (CONRAD, 2003, p. 123).

Mas ele já se encontrava moralmente isolado a bordo do navio, existia a barreira racial, a impossibilidade de contato com os outros e distante fisicamente da civilização, no meio do Oceano Índico, estagnado, morto, pura letargia. Lembremo-nos também que esta foi uma decisão do próprio Jim. O desejo e necessidade de afastar-se sempre de

todos e de tudo. A necessidade premente de fugir como a do náufrago em busca de uma tábua de salvação ou também a percepção que temos ao ver um “homem à margem de um mar sombrio e desolado” (CONRAD, 2003, p. 125).

Trata-se da concepção e dos problemas do homem e da sua convivência em sociedade. Apesar da fuga, não obstante eles evitem seus semelhantes, em contatos esporádicos e imperfeitos. Acabam se refugiando em si mesmos, desencadeiam situações não previstas, revelam-se muito mais e tudo isso ao procurarem sistematicamente se esconder de todos.

Trata-se de fugir, mas a pergunta é: fugir para onde? Afinal, o avanço do imperialismo europeu no século XIX coloca fim ao ideal da longínqua viagem de exploração como oportunidade de uma vida aventureira. Tal situação de colonialismo também dá ensejo ao do turismo em escala global. Assim, tais fatores colaboraram para pôr um termo às ilusões referentes à viagem para regiões remotas como possibilidade de fuga da civilização:

Havia pares de recém-casados já um pouco enjoados um do outro desde a metade da viagem; havia grupos importantes e modestos e viajantes solitários que jantavam solenemente ou se fartavam ruidosamente; tudo gente que pensava, discursava, fazia troças ou resmungava da mesma forma que agia em casa e cuja inteligência era tão aberta às impressões novas como as malas depositadas nos seus quartos. A partir daquele dia, eles carregariam, como suas bagagens, uma estampilha provando que haviam passado por tal lugar. Apreciariam essa distinção e guardariam sobre suas malas as etiquetas gomadas, evidência documental e único resquício durável das aquisições de sua viagem (CONRAD, 2003, p. 63).

Aprendemos com os surrealistas e, de certo modo, também com a postura de J. B. e Jim, que não se trata de simplesmente buscar o exótico e o pitoresco. Trata-se, enfim, de uma viagem em busca do maravilhoso. O que significa um diálogo profundo, um diálogo através da poesia, da analogia, da colagem, do acaso e outros jogos surrealistas.

Por isso, nem mesmo as conquistas espaciais realizadas pelas superpotências da época da guerra fria, o fato do século segundo alguns, deveria ser considerada como um ato prodigioso. Verdadeira conquista, de uma envergadura incomensurável aos olhos poéticos, muita mais ampla do que a chegada à Lua, foi a de Cristóvão Colombo na sua luta por abrir novos caminhos. Destacado por sua capacidade de romper com as ideias

que predominavam na sua época, por sua recusa de seguir as rotas, planos e procedimentos já conhecidos. O genovês louco que triunfa e “cujo êxito lança uma luz diferente sobre a loucura” (PONGE, 1999, p.62).

A ousadia de escolher um caminho insensato, o caminho menos razoável possível, a ação menos provável para quase todos que efetivamente poderiam decidir seus atos, a ação que não segue os ditames propostos pelos métodos tradicionais, enfim, o questionamento de certa racionalidade responsável pelos ditames tradicionais. Terminada sua venturosa travessia pelo oceano, perde-se todo o interesse do poeta surrealista por aquela figura. Ficou perdida nos jogos de poder das novas metrópoles e seus impérios.

A postura de Jim antes e após o seu ato no tribunal assume o emprego do método do desvio absoluto, conforme expressão de André Breton após sua leitura de Charles Fourier, a contraposição ao usual, o colocar-se à margem das rotas usuais, aventurar-se naquele oceano virgem utilizando-se do caminho menos razoável possível: Ora, se procuramos entender a sensação vivenciada por Colombo ao avistar a terra após dias de espera angustiada, tudo leva a pensar que foi justamente uma ocorrência daquela alegria surrealista o que ele experimentou (PONGE, 1999, p.63).

Fuga que pode ser para uma região considerada exótica, como em Conrad, ou, como no caso de Fiker, na própria cidade que se mostra em todo o seu estranhamento, afeita ao olhar que poderá encontrar o insólito nas suas ruas, cidade que também apresenta possibilidades de se encontrar com o maravilhoso em lugares inesperados para aqueles com disposição para tais caminhadas.

Viagens que poderão ser deslocamento espacial para locais distantes ou na própria cidade do poeta. Mas, viagem também num sentido mais amplo e metafórico. Viagem que também será temporal e até mítica. Poeta viajante que ao se deslocar espacialmente revela nossa transitoriedade diante de certos aspectos naturais e sociais que permanecem os mesmos durante longos períodos.

Desse modo, percebemos, conforme anotou Cláudio Willer (2014), que a viagem na literatura possui muitos sentidos e vários deles direcionados à ideia da viagem como uma importante revelação ou também como uma forma de buscar uma identidade sufocada pelas exigências cotidianas.

Cenários que são anônimos, fascinantes e também ameaçadores. Risco para a integridade do caminhante Sedutor e para Lord Jim. Não mais se espera encontrar um Paraíso em regiões tropicais em que se pudesse realmente viver a vida. Embora Jim

descobrisse tardiamente tal situação, ele também percebe a necessidade de modificar a sua vida e o mundo tropical que o acolheu.

Dessa forma, a viagem pode constituir-se como registro de chegada a novos territórios, como lemos em Lord Jim e outros livros a respeito do processo de colonização, como relato que revelaria um conhecimento superior ou uma trajetória rumo a uma revelação mística, como nos relatos sobre o Santo Graal; mas a viagem também poderia significar puro devaneio diante da incerteza existencial, como no caso de J. B. de Andrada e Silva, o ser que se torna errante e adquire consciência de sua precariedade diante da vida (WILLER, 2014, p.87).

Destacamos que existem muitos precursores para nossos escritores caminhantes. Lembramos, evidentemente para nos atermos a um período mais próximo do sedutor J. B., dos artistas que flanavam pela Paris do século XIX, como paradigma do aventureiro que deambula despreocupadamente pelos bulevares, galerias e cafés em busca do maravilhoso, por exemplo, ao descobrir, apesar da distância entre países, que paisagens estranhas podem irromper a qualquer momento no cenário da cidade.

Flanar é sinônimo de luta contra a banalização do tempo e do espaço. Numa época que exige decisões rápidas para garantir ao máximo a lucratividade e eficácia, ele se mantém na expectativa e na irresolução. Ele continuamente cultiva o equívoco, aspectos duplos, triplos difíceis de serem apreendidos, próprios dos novos espaços. Isso envolve certo estado de espírito que propicia a sugestão, a suspeição constante da realidade em sua duplicidade constante. Assim, a arte da aparência ganha mais sofisticação na grande cidade.

Também notamos, ainda pensando no instigante e cruel cenário de atuação do artista nas grandes metrópoles, que o texto inicial do **Equivocrata** sugestivamente intitula-se “Pressões de viagem (aqui, não marginal, mas paralelo)”, ou seja, ironicamente não se trata mais das tradicionais impressões de viagem do século XIX que tanto sucesso fizeram diante do público ávido pelo exotismo. São pressões temporais, linguísticas, históricas que moldam nossa sensibilidade e nos colocam incríveis desafios existenciais.

Manter-se ocioso, num mundo laborioso, para observar o que acontece nas ruas dominadas pela multidão. Ociosidade, portanto, aparente. Segundo Walter Benjamin, o *flâneur* se dedica “a fazer a botânica no asfalto” (BENJAMIN, 2000, p.34), mas antes das reformas urbanísticas, arquitetadas por Hausmann, suas pesquisas linguísticas e antropológicas precisaram muito do ambiente criado pelas galerias.

As galerias se tornaram sua casa, seu escritório e também porto seguro, extremamente conveniente para suas observações. Numa sociedade cada vez mais controlada pelo Estado, que identifica cada cidadão por sua assinatura, endereço e foto, o artista sentia-se tolhido pela multidão.

Por isso mesmo, a estratégia de ver todo o movimento de pessoas, mas de se colocar de um ponto em que não poderia ser visto por todos, parecia tão adequada para o confronto com a multidão. Assim Charles Baudelaire, o ícone *flâneur* destacado por Benjamin para compreender o significado de flunar para o poeta, “amava a solidão, mas a queria na multidão” (BENJAMIN, 2000, p.48).

O ver o outro, o ser observado pelos outros, as regras para tal observação diante de uma multidão que promove através do dinheiro o distanciamento necessário para sua sobrevivência cotidiana, ou seja, táticas para suportar o contato que se transformou em choque, tudo isso ao tentar atravessar uma rua, vencer nossas contingências, mas tal caminhada pode também ser nossa própria existência:

Deve-se levar a coisa adiante, e é como uma equipe atlética de Sísifos levando a pedra ou a tocha olímpica não na pista de corridas ou na encosta da montanha, mas através dos minutos diabólicos, e o topo da montanha ou a pira olímpica é amanhã, ou daqui a pouco ou mesmo agora. O que é o mesmo (FIKER, S/D).

Portanto, atravessar a rua é atravessar a própria existência, símbolo talvez daquele crucial e inescapável encontro entre casualidade e causalidade, que nos aprisiona e nos faz procurar desesperadamente o essencial da necessidade, como no caso de J. B. de Andrada e Silva.

Tal conflito também caracteriza a situação de J. B. de Andrada e Silva. Ele se sente olhado por tudo e por todos, simplesmente o suspeito, porém, transmite a sensação de se esconder, como um ser insondável, apesar de sua aparente vulnerabilidade ao atravessar a rua. Exposição e ocultamento perceptíveis na situação sempre precária de Lord Jim.

Típicos indivíduos modernos, desenraizados, com as suas consciências divididas, sujeitos fissurados nas suas personalidades, com seus valores abalados, surpreendidos por ocasiões inesperadas, ilhados mesmo quando estão em comunidade, homens, portanto, divididos e que não se adaptam à vida de rebanho, mas que parecem dispostos a arriscar suas vidas em estranhos e improváveis saltos na escuridão.

J.B. de Andrada e Silva e Jim sentem-se acuados e absolutamente desamparados sob o olhar de uma plateia que absolutamente não se esforça por compreendê-los. No caso de Jim, por se tratar de um tremendo choque cultural entre ele, como único representante do capitalismo europeu naquela remota parte do globo, e os nativos com seus valores antagônicos, mas também é uma relação conflituosa pelos seus traumas passados, que o tornaram uma espécie de eterno proscrito, mesmo quando estava entre seus supostos pares. Já o Andrada e Silva um caminhante desconfiado de uma realidade que o ameaça e que nem ao menos consegue enxergar em toda a sua crueza.

Aceitam as mais estranhas empreitadas, na interpretação superficial do vulgo, mas não estão ali pelo obcecante desejo de lucrar. Por isso mesmo a fuga para o local ermo ou distante da civilização: “O foragido apenas da realidade à divisão do seu ser, que se sentia ‘mais dual do que nunca’” (CANDIDO, 2012, p.75).

O confronto, que neste contexto seria inevitável, do eu com o outro, mesmo quando buscamos a fuga, presente no Sedutor, no encontro com o rato nos canteiros da biblioteca Municipal e na fuga de São Simão Estilita, via elevador, é um fator de balizamento para a compreensão de sua dúvida e do seu caminhar titubeante.

Também podemos destacar outro ponto comum na atitude de Jim e nas ações descritas por Raul Fiker frente ao outro. J. B. vacila, conforme destacamos, diante dos olhares. Parece-lhe difícil e até mesmo angustiante atravessar simplesmente a rua. Conrad mostra que fazer experiências duvidosas e terminá-las, conforme for possível, é importante para mostrar toda a nossa fibra.

A pluralidade não é uma exceção, o eu estará diante do outro, trata-se de aprender com esta situação, eis a regra que servirá como orientação no processo de enfrentamento com a realidade:

Qual de nós já não conheceu qualquer coisa de tal impressão, a lassitude extrema de sentimentos, a inanidade do esforço, o infinito desejo de repouso? Os que lutam contra forças brutais conhecem bem esse desejo: os naufragos acotovelando-se em chalupas, os viajantes perdidos no deserto, todos os homens que se batem contra as cegas forças da natureza ou a brutalidade estúpida das multidões! (CONRAD, 2003, p.71).

Temos uma situação em que a personagem está diante de si mesma, enfrentando os padrões sociais, preparando-se, nestas travessias, fortalecendo-se para tais embates. São experiências pessoais, de formação, da atração para o abismo, que colocam em luta

muitos valores, a permanência, a instabilidade, o mal, a fuga, o convencionalismo de respostas prontas utilizadas por muitos ao fazer sua caminhada e da descoberta que em tal situação seremos juízes das nossas ações, ou seja, nestas travessias realizadas por J. B. ou Jim, podemos encarar a realidade como uma possível fonte de conhecimento, não necessariamente certos, mas fundamentais para construirmos nossa conduta e caráter (CANDIDO, 2012, p. 84).

Difícil tarefa frente a uma realidade fragmentada, quando as precárias unidades e valores que conferiam certa coerência ao nosso redor parecem romper-se repentinamente. É o caso de Jim ao navegar pelo Oceano Índico num barco repleto de peregrinos ou do nosso J. B. na sua travessia não menos angustiante da rua. Por isso mesmo, a abordagem intrincada destes personagens que tentam compreender uma realidade exterior tão múltipla quanto eles mesmos.

Ao enfrentar os perigos das suas caminhadas, J. B. e Jim direcionam sua luta e ganham mais consciência da sua própria existência, da precariedade da nossa existência estilhaçada em jornadas frequentemente inauditas, do mal e do bem. A perturbação, a surpresa, enfim, que acontece em cada passo, torna-se uma possibilidade que não é mais excepcional. Personagens que descobrem nas suas viagens toda a sua complexidade e os perigos do mundo que constantemente os ameaça com um inexorável aniquilamento.

A incongruência de se perceber dividido apesar das normas sociais impostas para garantir certa unidade. Nesse sentido, Jim percebia-se diferente dos colegas ainda na fase de preparação na escola naval. Por exemplo, quando existe um episódio de salvamento que envolvia outros alunos e que quebra suas expectativas de um grande ato heroico. Ele não participa, se afasta, treina seu olhar crítico e confirma sua diferença em relação a seus colegas.

Outro elemento de reflexão neste paralelo que tentamos traçar refere-se à experiência do tempo e sua relação com o inesperado. O tempo dos passos de J. B. é um tempo letárgico que parece deter-se, subdividindo-se a cada passo em momentos que contêm inúmeras possibilidades de avanço e recuo.

Dessa forma é possível decompor cada um dos seus atos, cada instante fixado de forma indelével, cada um daqueles momentos como algo único, material precioso para aquele que se dispõe a refazer uma viagem que, como no caso de Jim, decidiu a sua vida.

Jornadas, portanto, que se enchem de significados para seus protagonistas em busca de compreender seus próprios abismos. Heróis ou párias, que através de suas

memórias podem salvar o significado dos seus atos, ao recriar suas histórias e hierarquizar seus atos. O desespero de dar um sentido para suas ações em situações em que a diferença entre a verdade e a mentira parece ser tão ínfima.

Exatamente como no tribunal em que Jim busca responder aos questionamentos que desenvolvem o inquérito oficial num longínquo porto do Oriente. Ele, o juiz, os assessores e o público, desejavam fatos que explicassem a responsabilidade de cada um, não o seu estado de alma, porém, fatos precisos que elucidassem como ocorreu o acidente, como se os fatos e somente eles pudessem realmente explicar a realidade vivenciada pelos homens:

Jim falava lentamente; os detalhes lhe vinham ao espírito com uma vivacidade e uma nitidez perfeitas; ele teria podido, como um eco, repetir os gemidos do mecânico, para plena edificação daqueles homens, que exigiam fatos. Após um primeiro momento de revolta, acabava por compreender que só uma deposição precisa e minuciosa poderia tornar sensível àquela gente o verdadeiro horror da situação sob a aparência abominável. [...] Continuava a falar, em atenção à verdade, mas talvez por si mesmo também; sua palavra era segura, mas seu espírito se encarniçava em torno do círculo compacto dos fatos que haviam surgido de toda a parte em torno de si para separá-lo do resto dos homens; agitava-se como um animal prisioneiro numa cerca de altos renques, que tenta a noite inteira encontrar na paliçada um ponto fraco, uma abertura por onde escapar-se (CONRAD, 2003, p30).

Embate singular e sempre a tentativa de se descobrir. Seres singulares, que reprimem seus impulsos, mas que sabem que se equilibram precariamente nos padrões estabelecidos. Ambos estão encurralados diante daqueles olhares e não encontram a tão ansiada brecha.

Interessante, por outro lado, que ambos se sentem feridos no seu orgulho e pelas vicissitudes de malograr num ato que exigia sua coragem. Necessitam e negam a aprovação do outro. Estão fascinados pelas suas empreitadas, porém não conseguem realizá-las do modo como haviam planejado. Não por fraqueza ou covardia. Ficam presos naquele momento crucial e que decidiria sua vida. O imprevisto surge, como havíamos ressaltado, como uma força muito maior do que eles. Daí a angústia e a negação de que não são fortes para concluir suas travessias conforme seus sonhos.

Enquanto outros fugiram de suas responsabilidades ou das consequências dos seus atos, Jim sente-se na obrigação de depor naquele tribunal. Vive a ambiguidade daquela situação, suporta todos os olhares e também deseja a redenção.

Outra contradição que alimenta seu desejo de aniquilamento é a consciência de que fala para uma assistência, quer no tribunal ou mesmo no momento do acidente com o navio, que não o compreende. A solidão naquele instante em que Lord Jim percebe que não existe nada de comum entre ele e aqueles homens que se apressaram em abandonar o barco repleto de peregrinos ou entre eles e seus persistentes olhares e aquele que busca apenas completar a sua travessia.

J. B. de Andrada e Silva também suporta os olhares, mas não busca o diálogo. Talvez consciente da impossibilidade de ouvir a sua voz ou de encontrar alguém atento às sutilezas de seus pensamentos. Ele percebe, enfim, que existe um espaço, físico e metafísico, intransponível entre ele e os outros. Embora separados por alguns metros os outros se colocam irremediavelmente contra ele e seus devaneios.

Interessante, por outro lado, notarmos como J. B. e Jim caminham, justamente naquele momento crucial dos seus julgamentos, tortuosamente. Jim ao final do seu inquérito, quando é considerado culpado pelas autoridades. Na saída, Marlow ainda o vê se afastando pela longa rua, solitário, visível durante algum tempo, caminhando lentamente e “como se experimentasse alguma dificuldade em andar em linha reta” (CONRAD, 2003, p.111).

Notamos também que, ao desaparecer, Jim ainda dava a impressão de cambalear exatamente como J. B. no conto “O Sedutor”: “Ainda é visível a oito quarteirões de distância, de onde, aliás, pode-se perceber que, malgrado suas intenções, seu trajeto não forma uma linha reta. José Bonifácio de Andrada e Silva anda em zig-zag” (FIKER, 1968, p52).

Entretanto, ao se deslocar para longe da civilização, após caminhar indeciso ao largo de tudo, ao realizar muitas tentativas de se encontrar às margens da civilização, mas, entre os homens de negócios, ao conseguir estabelecer um pacto social entre os nativos daquele distante reino, ao equilibrar vários interesses em uma espécie de bem comum, ao encontrar uma mulher que poderia servir como paradigma para um incomensurável amor romântico, ao demonstrar a coragem necessária para se tornar a referência para todos em Patusan, enfim, ao arquitetar tenazmente seu paraíso, redimindo-se da sua culpa pelo Patna, ele se mantém inquieto como na expectativa de algo que poderia destruir tudo repentinamente.

Ele se reencontra com o homem branco, num golpe de puro acaso, na sinistra figura de Brown, o aventureiro fora da lei acusado, caçado, desesperado e pronto para se vingar de toda a humanidade. Ele descobre que seu paraíso realmente nunca estará completamente a salvo. Cupidez, egoísmo, desejo pelo saque e o ódio chegam mais uma vez repentinamente, na vida de Jim.

O encontro demonstra que apesar de seus esforços para proteger seu paraíso, apesar de ser misterioso para todos que o consideram invulnerável, ele como nós, é frágil diante de muitas forças. Não controlamos as mínimas ações que alteram inteiramente o curso e o resultado dos nossos esforços.

Assim, todos sofrem com um desenlace de pura covardia, uma ação de vingança, de vilania e crueldade e que não resulta em nenhuma vantagem material. Tudo se resume na agradável sensação de exercer e demonstrar nosso pretense poder para talvez aplacar nossas mais miseráveis pretensões de orgulho. A morte de seu melhor amigo sela também a sorte de Jim naquele paraíso.

Ele perdeu tudo o que havia construído. Nota-se a fragilidade de todos aqueles laços de lealdade arduamente construídos pelo incansável herói na sua busca pela tranquilidade, enfim, percebemos que, apesar de todos aqueles feitos de heroísmo que desafiavam a lógica utilitarista do colonizador em busca de vantagens materiais imediatas como no caso do mestiço português, sempre permaneceu como um estranho, mesmo entre aqueles que Jim chamava de seu povo, mesmo para aquela que era seu maior tesouro.

Vale notar ainda que durante toda a obra permanece completamente sozinho e envolvido num impenetrável mistério. Exatamente como o nosso J. B. solitário ao atravessar suas ruas, enfrentar seu desamparo na completa solidão assistida, despedindo-se da cena com seus titubeantes passos trôpegos.

Não existe fuga possível, mesmo naquele ponto distante das rotas e interesses comerciais, mesmo quando ninguém fora dali o aguardasse, ele foi encontrado por suas lembranças que o perseguiam insistentemente, em cada fala, em cada olhar que rememorava aquilo que deveria ser para sempre olvidado e também pelo acaso que num golpe imprevisto nos faz saltar novamente para o desconhecido ou simplesmente para a mais banal destruição.

Referências

- BENJAMIN, W. “Paris do segundo império”. In: **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. Tradução de José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Editora Brasiliense, 2000, obras escolhidas volume III.
- CANDIDO, A. **Tese e antítese**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2012.
- CANETTI, E. “Elementos do Poder”. In: **Massa e poder**. Tradução Sérgio Tellaroli. São Paulo: Cia das Letras, 2011.
- CONRAD, J. **Lord Jim**. Tradução Monica Lia Lomônaco. São Paulo: Nova Cultural, 2003.
- FIKER, R. O Sedutor. In: **Psi Revista** Centrinho de Psicologia USP / Assoc. Univ. Estudos Psicológicos USP. São Paulo, nº 1, ano 2, 1968.
- _____. **O Equivocrata uma reta de vista**. São Paulo: Massao Ohno Editor, S/D.
- JAFFÉ, A. O simbolismo nas artes plásticas. In: **O Homem e seus símbolos**. Jung, Carl G. (org). Tradução de Maria Lúcia Pinho. São Paulo: Nova Fronteira: 2000.
- PAZ, O. **Signos em rotação**. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- PONGE, R. “Surrealismo e viagens”. In: **Surrealismo e novo mundo**. Robert Ponge (organizador). Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRG, 1999.
- WILLER, C. **Os rebeldes. Geração Beat e anarquismo místico**. Porto Alegre: L&PM, 2014.